

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas, SP: Unicamp, 2011.

ESPAÇOS DA RECORDAÇÃO: formas e transformações da memória cultural

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

bernardinafreire@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/0252677389291551>

Professora adjunta do departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Letras, mestra e graduada em Biblioteconomia pela UFPB. Líder do "Grupo de Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio" (GECIMP).

Maria Nilza Barbosa Rosa

nilzasor@yahoo.com.br
<http://lattes.cnpq.br/8152747724329182>

Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), doutora em Letras (2006) e mestra em Ciência da Informação (1998) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Pedagogia pela Associação Educativa Evangélica (1987). Vice-líder do "Grupo de Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio" (GECIMP).

Nayana Rodrigues Cordeiro Mariano

nayanamariano@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/993892030077273>

Doutora (2015) e Mestre (2006) em Educação e Licenciada em História (2003) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pesquisadora dos grupos "Estudo e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio" (GECIMP/UFPB/CNPq) e "História da Educação no Nordeste Oitocentista" (UFPB/CNPq). Atualmente, desenvolve Estágio Pós-Doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PNPD/PPGCI/UFPB).

Submetido em: 24/04/2017

Publicado em: 23/05/2017

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

Maria Nilza Barbosa Rosa

Nayana Rodrigues Cordeiro Mariano

Memória, recordação, esquecimento. Essas são temáticas trabalhadas por Aleida Assmann no livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, publicado em 2011, pela Unicamp. A obra é uma versão modificada de sua tese de livre docência aceita em 1992, pela Universidade de Heidelberg (Alemanha). Atualmente, professora de cultura inglesa e de teoria literária na Universidade de Konstanz, também na Alemanha, em língua e literatura inglesa e em egiptologia, com trabalhos publicados nessas áreas. Os primeiros trabalhos de Assmann foram sobre literatura inglesa e história da comunicação literária, ampliando-se para os conceitos da memória na história intelectual europeia. Desde os anos de 1990, seu foco tem sido a antropologia cultural, e seus interesses giram em torno da história da memória alemã desde 1945, o papel de gerações na literatura e na sociedade, e memória cultural. Dentre as dezenas de obras escritas pela autora, ainda sem tradução para nosso idioma, destacam-se: *A legitimidade de ficção: uma contribuição para a história da comunicação literária* (1980); *Tempo e tradição: estratégias culturais da vida* (1999); *A indispensabilidade de estudos culturais com uma subsequente troca de cartas* (2004); *As longas sombras do passado: cultura da memória e da política da história* (2006); *Para uma cultura europeia da memória* (2012).

A partir da indagação, "Não existe mais memória?", Assmann nos convida a fazer um passeio pelos meandros da memória, tendo como fio condutor a argumentação de que não existe uma essência da memória, ela possui um caráter dinâmico, é um fenômeno complexo e transdisciplinar, o que é demonstrado pela sua plasticidade. Tal questionamento, que abre a sua obra, se faz presente a partir de uma citação do historiador francês Pierre Nora, que diz: "Só se fala tanto de memória porque ela não existe mais". Assim, a autora passa a questionar proposições que indicam o fim da memória e afirma, contrariando essa perspectiva, que hoje temos que lidar com uma intensificação da temática em discussão, e que diferentes interesses e questões se cruzam para compreender esse

complexo fenômeno. Para tal empreitada, com grande erudição, dialoga com autores como Cícero, Platão, Aristóteles, Shakespeare, Nietzsche, Freud, Wordsworth, Halbwachs, Derrida, dentre outros, brindando seus leitores com as diversas formas pelas quais a memória foi pensada. Esses autores, citados por Assmann, são vistos como representantes de uma arte sobre a memória e não de uma arte da memória, posto que seus trabalhos "não documentam [...] os grandes feitos da lembrança" (p. 386), como o fazia a mnemotécnica, porém registram o resultado da perda.

A memória, como um fenômeno de ocorrências variadas, tem períodos de retração, enquanto outras formas ganham espaço. Nessa trajetória, Assmann problematiza esse fenômeno a partir das *tradições* (mnemotécnica, discurso de identidade), das *perspectivas* (memória cultural, coletiva, individual) e das *mídias* (textos, imagens, lugares). Ao longo do livro, analisando suas *funções*, *meios* e *armazenadores*, apresenta ao leitor os diferentes caminhos que levam à memória. A memória é, pois, o veículo transmissor da informação e do conhecimento produzido.

As diversas funções da memória são discutidas na primeira parte do trabalho, tendo como pano de fundo um contexto marcado por recordações e seus significados no processo de construção de identidades. Partindo de uma longa tradição, com a mnemotécnica antiga, que mudou da audição para a visão a principal fonte da memória, e que colocou em cena a dimensão espacial em detrimento da temporal, a autora mostra como o diálogo com outros saberes descortinou diferentes caminhos para o tema. Nesse processo, não só a memória como arte, como técnica que organiza o conhecimento é explorada, outras funções são apresentadas a partir do nexos entre identidade e recordação. A autora chama a atenção para o fato de que a recordação ocorre de forma reconstrutiva, iniciando-se no presente e caminhando para uma distorção, revalorização ou renovação de algo lembrado. Assim, a memória como potência deve ser compreendida como uma força imanente e não como um repositório protetor.

Com base em observações referentes às culturas antigas e à transição da oralidade para a escrita, Assmann constata um desenvolvimento cada vez mais complexo da memória coletiva na chegada de um novo armazenamento de informações. Para ela, o crescimento descontrolado do número de textos exige a introdução de novas instituições que conservem, mantenham e reproduzam os códigos, ou seja, os "textos culturais". Essa é uma das questões centrais da sua teoria e sinaliza que, enquanto na memória funcional os textos culturais que servem ao autoentendimento e à entidade da sociedade são constantemente repetidos, "a memória armazém" contém tudo

que não participa de comunicação, mas que pode ser acessado e reativado para introduzir explicações divergentes.

Memoração dos mortos, fama e lembrança histórica são apresentadas no texto como formas de acesso ao passado. A memória dos mortos é trabalhada a partir de exemplos que contemplam uma dimensão religiosa, em que os descendentes de uma família a perpetuam, e a partir de uma dimensão mundana, que é a auto eternização, realizada com afama, responsável pela grandeza, reputação e imortalidade de alguém. A procura por um passado que servisse de alicerce para o presente não surgiu apenas com a formação dos estados nacionais, o interesse pela memória como fornecedora de soluções sobre a origem ou a identidade é antigo. Nesse contexto, nasce a necessidade de proteger e inspecionar tudo o que pudesse validar uma tradição. Com o advento da imprensa, novos espaços de recordação passaram a ser inventados, as bibliotecas monásticas foram sendo dissolvidas e a memória da igreja foi sendo substituída. Segundo Assmann, o interesse pela construção de uma memória coletiva apresentou-se na procura por um passado que pudesse servir de referência para as gerações futuras e os usos do passado propiciaram outras reescritas da história.

Em *A luta das recordações nas histórias de Shakespeare e Wordsworth e a mazela do tempo*, Assmann traz a recordação como protagonista para esse diálogo com a literatura. A construção de uma identidade nacional a partir de recordações históricas é ilustrada com os escritos de Shakespeare. Discutindo a maleabilidade da recordação, a autora a coloca no centro do poder e da história, visto que a recordação histórica deixa de servir apenas aos monarcas e dedica-se à formação coletiva de identidades, tendo os antiquários, historiadores e poetas, envolvidos nesse processo. Partindo de recordações biográficas, em William Wordsworth, delinea-se uma identidade individual, tendo o esquecimento e a perda como partes constitutivas nessa trajetória. A recordação proposta não é entendida como um reflexo passivo de uma reconstituição, mas como um ato produtivo de recriação.

A primeira parte do livro é encerrada com uma discussão sobre a escolha e o significado dos conteúdos da memória, com as *Caixas mnemônicas*. Dialogando com a mnemotécnica cristã de Hugo de São Vitor, que via a memória como um recipiente para preservar e coligar o conhecimento, a autora apresenta uma transição dessa leitura monástica para uma leitura escolástica, em que a memória passou a ser empregada como um instrumento do saber. Tomando como exemplo um texto literário, a *Caixinha de Dario*, de Heinrich Heine, temos um recipiente apresentado como um relicário guardado em um espaço reduzido, que denota a valorização da seletividade da memória cultural, bem como a sua contenção. Finalizando, a

autora apresenta dois modos da recordação, a *memória funcional ou coletiva*, que ligando passado, presente e futuro assegura a identidade do grupo, e a *memória cumulativa*, também chamada de *memória histórica ou inabitada*, que é uma espécie de receptáculo para as memórias funcionais.

A segunda parte, intitulada *Meios*, é dedicada à materialidade das mídias memorativas. Sem os meios de armazenamento culturais e técnicos, há a impossibilidade da constituição de uma memória que ultrapasse gerações. Logo, a *escrita* é apresentada como *médium* de eternização e como metáfora da memória, como armazenadora, pode superar a memória, contudo, jamais assumirá a função da recordação. Assim, a escrita é apresentada como suporte da memória; ela possui uma força de conservação, de interação, de germinação, mas também, de opressão, de exploração e de colonização. Na Renascença, diferentes pensadores uniram escrita e memória. Hoje, essa aliança é ameaçada pela escrita eletrônica, que tem na imaterialidade, a marca da tenuidade entre recordação e esquecimento. Nesse sentido, a autora ressalta que a constituição da memória altera-se com o desenvolvimento das mídias e reconhece que os textos escritos não mudam tornando-se anacrônicos com o passar do tempo, isso exige novas técnicas culturais para adequar seu conteúdo à realidade atual.

Além da escrita, as imagens também são meios de armazenamento. Desde a Antiguidade imagens e memória estão vinculadas. A escrita imagética presente na arte mnemônica desenvolvida por Simônides exemplifica essa conexão. Nesse período, a força das imagens lhe proporciona um efeito impressivo, tornando-as ativas e eficientes, com um sobrepeso criativo sobre os textos e, nesse percurso, o afeto é apresentado como suporte principal das recordações.

As *escritas do corpo* também ganham espaço nas discussões de Assmann, já que, segundo ela, o que é gravado no interior não se dissipa. Exemplificando casos de memória corporal, a autora dialoga com o profeta Jeremias que usou o coração como superfície de escrita, cunhando a lei divina nesse órgão. Para Nietzsche, a dor é uma poderosa arma da mnemotécnica e todo processo doloroso fica trancafiado na memória. Dessa relação entre dor e memória, a autora traz o trauma como um estabilizador de experiências, uma inscrição corporal com dificuldades de ser traduzida pela escrita ou pela linguagem. Falsas recordações podem eclodir de experiências traumáticas, já que a consciência do ocorrido deve permanecer nas sombras. A *memória dos locais* fecha a segunda parte do livro. São considerados ambientes de memória, que acolheram acontecimentos de valor histórico, religioso, biográfico. Segundo Assmann, nesses espaços ocorrem vivificações que poderão reativar a recordação ou a própria recordação. Como exemplos, temos: *locais das gerações*, em há uma ligação

duradoura com histórias de famílias; *ambientes sagrados*, denotando que uma relação com o sagrado é fixada; *espaços honoríficos*, denotando que algo foi interrompido e o que chega até nós são restos ou ruínas; e, por fim, os *locais traumáticos*, preservando um passado que, muitas vezes, não quer ser lembrado.

A terceira e última parte do livro é dedicada aos *armazenadores*. Nela, o *arquivo* ganha destaque. Com o advento de novos sistemas de registro, o quantitativo de dados a serem arquivados aumentou consideravelmente e a problemática sobre a conservação desses materiais passou a ser discutida constantemente. Novas formas de arquivamento virão e, para Assmann, o próprio arquivo pode ser arquivado. O arquivo, que é a morada da memória, da história, dos vestígios do passado, é fruto de uma relação muito íntima com o poder, com a história oficial e, assim sendo, também é morada do esquecimento, dos silêncios e encobrimentos. Nesse sentido, a intencionalidade é marca presente nessa morada, e os documentos que lá estão, seja por alguma finalidade ou por mero acaso, foram construídos a partir de interesses do seu tempo.

A credibilidade do arquivo como forma de abordar o problema da memória é proporcional à ênfase no registro como portador da experiência histórica, atuando muitas vezes como memoriais. Na concepção da autora, os arquivos se transformam numa experiência colaborativa na qual os indivíduos e não as instituições são os emissores de informação a ser preservadas.

Encerrando suas discussões, Assmann comenta a obra de alguns artistas e escritores que dedicaram um espaço nas suas produções a temas que envolvem debates acerca da memória, da recordação e do esquecimento. Aliás, um argumento que perpassa a obra de Assmann, pois memória, recordação e esquecimento não podem se desvincular. Diante do que foi discutido, em suas considerações finais, tematizando essas questões a partir do exemplo do lixo, ela recorre a uma indagação que indica quão atual é a problemática suscitada pela memória: "a escrita digital ainda é um *medium* da memória, ou antes, um *médium* do esquecimento?"

Consideramos que o trabalho de Assmann possa trazer elementos relevantes para aqueles interessados nas mediações da memória, da vivência histórica contemporânea, e a experiência midiática. Esses elementos podem revelar indícios de uma situação, em que a memória e a história são vivenciadas através das tecnologias de mídia. Compreender essas mídias facilita o entendimento das propriedades e comportamentos da informação, o uso, transmissão, processamento,

armazenamento e a recuperação da informação, tendo a memória inserida nesse contexto.

Assmann revela a importância da crença num meio termo (não no absoluto), representado pela possibilidade de confiar tanto na história como no testemunho, para juntos construírem um sentido mais próximo da realidade. Nesse caso, a memória é indispensável à renovação permanente da própria cultura, pois faz parte do processo de produção da informação, sendo fundamentada na coletividade (pessoas e instituições). Por fim, a autora destaca a memória como instrumento por meio do qual as ideias e as palavras podem ser organizadas, além de permitir a recuperação de algo pertencente ao passado. Pode-se dizer que o trabalho desenvolvido por Assmann encontra-se na exteriorização midiática o ponto de encontro entre a memória pessoal e a coletiva.